

A MODERNIDADE DE CHARLES BAUDELAIRE E KARL MARX

Sedenir Fiore
Jivago Pizarro Schulte Ulguim
Jauro Sabino Von Gehlen
Douglas Braun

RESUMO:

O artigo aborda duas leituras de modernidade no século XIX. A modernidade de Charles Baudelaire em seu poema “As Flores do Mal” e a modernidade de Karl Marx sob uma ótica do texto “Manifesto Comunista”. O artigo explanará dois expoentes do século XIX que viviam num cenário de transformações: política, social, econômica, cultural e científica no velho mundo. Para que se tenha uma referência desse cenário moderno que se inaugura na Europa mais especificamente na França e na Inglaterra, a escolha de Charles Baudelaire e Karl Marx é o ponto de partida para uma análise comparativa da linguagem histórica de um poeta e um jovem estudante. Para uma melhor compreensão do leitor o trabalho está dividido em 4 partes: introdução, as considerações de Baudelaire, as considerações de Marx e algumas considerações finais. A metodologia utilizada para este trabalho parte de fontes secundárias dos autores mencionados em seu desenvolvimento.

Palavras-chave: História, Modernidade, Poema, Paris, Arte

1. INTRODUÇÃO

A Era das Revoluções no século XVIII foi o marco transformador na história do ocidente que acompanhada do recheio liberal iluminista na promessa de felicidade, justiça, igualdade e a superação da fé pela razão, não foi muito bem assimilada por duas grandes figuras do século XIX que num tom pessimista anunciavam uma modernidade de conflitos, lutas, com o fim da individualidade e da prostituição das artes.

O artigo explanará dois expoentes do século XIX que viviam num cenário de transformações: política, social, econômica, cultural e científica no velho mundo. Para que se tenha uma referência desse cenário moderno que se inaugura na Europa mais especificamente na França e na Inglaterra, a escolha de Charles Baudelaire e Karl Marx é o ponto de partida para uma análise comparativa da linguagem histórica de um poeta e um jovem estudante. A escolha do Poema As Flores do Mal e do Manifesto Comunista se justifica pela linguagem que ambos apresentaram, pois ao se direcionarem em primeira pessoa, característico do Manifesto e da poesia de Baudelaire, eram “vozes escritas” que soavam para um público, o anúncio de um futuro não muito promissor, dito de outra maneira, ambos estão procurando chegar ao leitor do século XIX, um pela via poética e outro pela via política. A importância histórica dos dois documentos merece uma análise comparativa para que se possa entender o início da Modernidade a partir de uma ótica contemporânea cunhada por intelectuais de Pós Modernidade. É importante lembrar que esse artigo não tratará da pós modernidade e sim da Modernidade da Segunda Revolução Industrial do século XIX.

2. CHARLES BAUDELAIRE

Um homem que mudou a literatura moderna: definir o francês Charles Baudelaire somente desta maneira o manteria muito aquém de sua verdadeira importância. Tradutor, poeta, crítico de arte e literato, Baudelaire foi o marco na literatura do século XIX.

A palavra prostituição se encontra presente em grande parte da literatura baudelaireana, porém, para que se possa entender o sentido deste termo, é necessário que tenhamos a imagem de Charles Baudelaire como um Dandi. A valorização humana que permeia Baudelaire não é certamente a que foi criada pela burguesia francesa e sim o valor humanista provindo da aristocracia francesa, dito de uma outra maneira, em Baudelaire permeia o valor do antigo regime francês. O mundo burguês que se constrói diante de Charles é um mundo Satânico, onde

o homem deixa o sentido antropocêntrico burguês que é conduzido por mercado ou como diz Baudelaire: pelo Satã. Baudelaire valoriza muito o ócio:

Foi pelo ócio que eu me em parte cresci. Para meu grande dano; pois o ócio, sem fortuna, aumenta as dívidas, as afrontas resultantes das dívidas. Mas em grande proveito meu, quanto à sensibilidade, a meditação e a faculdade do dandismo e do diletantismo. Os outros homens de letras são, na maior parte, muito ignorantes.”(BAUDELAIRE, 1981, p.111).

Portanto, o ócio e o dandismo são fundamentais para a compreensão das idéias de Charles principalmente quando ele aborda a modernidade como o oposto do dandi e do ócio. Para que se possa entender Baudelaire é necessário um percurso em sua história de vida-obra a fim de captar a construção de suas idéias e como elas influenciaram seus escritos:

Ao Leitor

A tolice, o erro, o pecado a avareza,
Ocupam nossos espíritos e trabalham nossos corpos,
E nós alimentamos nossos amáveis remorsos,
Como os mendigos nutrem seus piolhos

Nossos pecados são obstinados, nossos arrependimentos, covardes
Nós nos fazemos pagar como ouro nossas confissões
E retornamos alegremente os caminhos enlameados,
Acreditamos com vis lágrimas lavar todas a nossas máculas

Sobre a almofada do mal é Satã Trimegisto
Quem embala lentamente nosso espírito encantado,
E o precioso metal de nossa vontade
É todo vampirizado por este químico sábio.

É do Diabo que tem os fios que nos movem!
Em objetivos repugnantes encontramos atrativos;
A cada dia descemos mais um passo rumo ao Inferno,
Sem horror, através de trevas que fedem.

Tal como um devasso pobre que beija e mastiga
O seio sofrido de uma puta anciã,
Roubamos ao passar um prazer clandestino
Que esprememos bem forte como uma velha laranja.

Amontoados, formigantes, como um milhão de helmintos
E nosso cérebro embebedam-se um povo de demônio,
E quando respiramos a morte em nossos pulmões
Desce, rio invisíveis com surdos lamentos.

Se o estupro, o veneno, o punhal, o incêndio,
Ainda não bordaram seus agradáveis desenhos
No tecido banal de nossos lastimáveis destinos,

É porque nossa alma, ai de mim! Não é ousada o bastante

Mas entre os chacais, as panteras, os pedigueiros,
Macacos, escorpiões, abutres, serpentes,
Os monstros chiantes, uivantes, rosnantes, rastejantes
Do viveiro infame de nossos vícios,

Há um mais feio, mais malévolo, mais imundo!
Embora não se expanda com grandes gestos e
Grandes gritos
E com um bocejo engoliria o mundo;

É o Tédio! – o olho carregado de uma lágrima involuntária
Ele sonha em cadafalsos enquanto fuma seu houka.
Tu o conheces, leitor, este monstro delicado,
Leitor hipócrita, meu semelhante, - meu irmão.
(BAUDELAIRE, 1995. p.5).

A primeira vez que corremos os olhos ao longo do poema, fomos surpreendidos pelo teor das palavras, ainda sem saber muito bem o que elas queriam dizer. Relendo mais atentamente, uma sensação de mal-estar invade o corpo e perturba a consciência. Assim, a reação inicial ao texto é de repulsa e distanciamento. Entretanto, depois de alguns minutos, aquela impressão estranha e anormal armazenada em nosso cérebro, passa a exercer um fascínio tão grande, que imediatamente retomamos o poema; e as leituras que se seguem se tornam mais calmas e receptivas.

A partir daí, começamos a nos envolver lentamente com o universo poético baudelairiano e a identificar, pouco a pouco, alguns elementos presentes no poema. Fica claro que Baudelaire não escreve simplesmente *ao* leitor, mas também *sobre* o leitor e *sobre* algo que é comum a ambos. E, além disso, pode-se dizer que Baudelaire observa e participa da construção desse leitor Moderno do século XIX. O destino do poeta e de seus contemporâneos *parece* estar nas mãos do Diabo e existe um monstro feio e mal fumando seu cachimbo, que poderia muito bem, engolir o mundo a qualquer momento.

Diante desse cenário tão perturbador, o contemporâneo do poeta, *parece* não se incomodar muito, ou não perceber a gravidade da situação. O que talvez justifique os versos finais do poema, onde Baudelaire *parece* chamar a atenção de seus leitores para o que se passa ao redor de suas vidas, acentuando a necessidade de dividir com eles a experiência que lhe é comum: “Tu o conheces, leitor, este monstro delicado, - Leitor hipócrita, - meu semelhante, - meu irmão” (BAUDELAIRE, 1995. p.5)

Relendo o poema mais uma vez percebemos que ele está cheio de imagem sórdida e mundanas, apresentadas com muita intensidade. A partir desse ponto a compreensão decai e novas leituras só colaboram para aumentar nossa dúvida frente à atmosfera misteriosa que toma conta do poema, o que está por detrás desse universo de imagens assustadoras? (BAUDELAIRE, 1995).

Na terceira estrofe do poema surge a figura três vezes gigante (trismegiste) de um Satã a nos acalantar em sua almofada maligna até nos seduzir completamente, convertendo o melhor de nossa vontade em vapor, através de seu saber químico. Essa imagem diabólica prossegue na estrofe seguinte e intensifica sua força ao ser apresentada como à senhora de nossas vidas.

Mais abaixo é nosso cérebro que aparece pleno de demônios bêbados a escorregar pelo nosso corpo sempre que absorvemos o ar da morte em nossos pulmões. O mundo de Baudelaire e seus leitores se transforma em um reino de trevas governado por Satã, sua presença se espalha por toda parte e se infiltra no interior de cada um; seu poder prenuncia um fim que deve estar próximo.

Quem será esse Deus do Mal que comanda destino e anuncia a Morte?
Para ajudar na decifração dessa imagem usarei inicialmente, um ensaio de Baudelaire intitulado “Da Idéia Moderna de Prgresso Aplicada às Belas Artes”¹ escrito em 1855.

Há ainda um erro muito em voga, do qual quero fugir como do inferno. Refiro-me à idéia moderna de progresso. Esse farol obscuro, invenção do filosofismo atual, adquirido sem a garantia da Natureza ou da Divindade; essa lanterna moderna projeta trevas sobre todos os objetivos do conhecimento, a liberdade se esvai, o castigo desaparece. Quem quiser ver com clareza na história deve, antes de mais nada, destruir esse farol pérfido. Essa idéia grotesca que floresceu sobre o terreno podre da fatalidade moderna, isentou cada um de seu dever livrou todas as almas de sua responsabilidade, desencilhou a vontade de todos os laços que o amor ao belo lhe impunha; e as raças remixadas – se essa angustiante loucura durar muito tempo – adormecerão sobre a almofada da fatalidade no sono caduco da decrepitude. Essa presunção é o diagnóstico de uma decadência já demasiado visível. (Charles Baudelaire, in *Meu Coração Desnudado*)

Nesse pequeno fragmento onde o crítico de Arte Charles Baudelaire comenta sobre a idéia de progresso, a pouco inventada e muito na moda, repete-se a tom ácido e agressivo dos versos em que o poeta define sua imagem satanizada do mundo. Os elementos que ele usa para

¹ A Modernidade e os Modernos p 35-36. Em algumas passagens fui obrigado a alterar a tradução, sempre buscando uma maior fidelidade com o original. Para isso usei a edição das Obras Completas de Baudelaire organizado por Marcel Ruff (Editions Du Sueil, 1968)

caracterizar o reino de Satã estão presentes aí como consequências do progresso – ambos cobrem de trevas seus reinos; desfazem o que há de melhor, mas vontades; proliferam vícios e pecados; eliminam o castigo e o arrependimento; conduzem a decadência e à morte.

A semelhança entre a Idéia de Progresso e a imagem de Satã é tão forte na mente de Baudelaire, que uma simples almofada se torna um objeto maligno e sedutor na mão de ambos. Se essas evidências ainda não são suficientes para provar que a imagem satânica do poema é construída como uma alegoria do progresso, cito alguns trechos do livro *Meu Coração Desnudado* – que talvez ajude a reforçar esse argumento.

No “Repentes. Sugestões” n. 21 14, o poeta pergunta a si mesmo: “Entregar-se a Satã, o que significa isto?” Logo abaixo, comenta: que há mais absurdo que o progresso quando o homem, como provam os fatos do cotidiano, está sempre semelhante a igual ao homem, ou seja sempre no estado de natureza”. (BAUDELAIRE, 1981).

A pergunta inicial que parece ser solta a esmo, sem uma resposta imediata, é seguida de maneira sutil por uma constatação. A proximidade desses dois fragmentos parece sugerir que acreditar em algo absurdo é o mesmo que render-se aos encantos de um demônio.

A imagem de Satã é uma figuração criada por Baudelaire para a idéia de progresso. Uma está indissociada a outra. Baudelaire alegoriza a ideia de progresso presente nos discípulos dos filósofos do vapor e dos inflamáveis químicos. Para eles progresso é uma série indefinida. (BAUDELAIRE, 1996).

Mas o que esse conceito possui de tão nefasto para se contrapor no universo simbólico ocidental ao símbolo supremo do Bem? O próprio Baudelaire oferece uma resposta, mesmo sem querer:

Deixo de lado a questão de saber se, melhorando a humanidade na proporção de novos prazeres que lhe traz o progresso indefinido não seria sua mais engenhosa e cruel tortura; se precedendo por uma obstinada negação de si mesmo, ele não seria um modo de suicídio incessantemente renovado, e se, enclausurado a um escorpião que pica a si mesmo com sua terrível cauda, este eterno desideratum que produz seu eterno desespero”. (BAUDELAIRE, 1996, p.37).

Nas palavras de Baudelaire essa idéia linear e contínua de progresso é tão perversa que a ninguém da morte surge reunida em um único corpo: como autodeterminação. Para uma novela policial não haveria crime: o assassino e a vítima são uma só pessoa. Para a angustia do poeta, seus próprios contemporâneos quem são os discípulos quem cultivam ingenuamente uma idéia com consequências tão trágicas. Diz Baudelaire:

Pergunte a qualquer bom francês, que lê diariamente seu jornal no seu café, o que ele entende por progresso e ele responderá que é o vapor, a eletricidade e a iluminação a gás, milagres desconhecidos pelos Romanos, e que essas descobertas evidenciam plenamente nossa superioridade em relação aos antigos; a qual tal ponto esses cérebros infelizes se cobriram de trevas que nele estranhamente se confundem as coisas de ordem material e da espiritual. (BAUDELAIRE, 1996, p.34).

Segundo o autor, essa crença no progresso material que produz uma sensação de superioridade no “bom francês”, não passa de um mal-entendido. Incapaz de separar as coisas do espírito das coisas da matéria, ele mistura as duas, se ilude, e comete um engano ao tomar como símbolo de progresso, o vapor, a eletricidade e a iluminação a gás.

Mas então o que é progresso para Baudelaire?

Além de conceber um progresso flexível que vai e vem segundo fatores conjunturais, o poeta privilegia os elementos da ordem espiritual. Diz ele no fragmento 15 (24): “(...) de Meu Coração Desnudado não pode haver progresso (verdadeiro, ou seja, moral) a não ser no indivíduo e pelo próprio indivíduo”. (BAUDELAIRE, 1996, p.34).

Baudelaire deixa bem claro com essas palavras, que para ele o verdadeiro progresso é o moral. Ou seja, põe em primeiro plano o aperfeiçoamento do indivíduo, subordinando as coisas da matéria ao bem-estar e desenvolvimento do espírito.

Para o poeta as melhorias que esse progresso material tem proporcionado ao espírito, estão na forma como ele vem se apresentando: NENHUMA. Ou ainda, o que é pior: causa sua decadência. Baudelaire identifica o declínio do espírito, de forma mais precisa, no campo das artes. Em um pequeno ensaio do Salão de 1859 o poeta comenta sobre Arte, fotografia e progresso: “Mas estou convencido de que os progressos mal aplicados da fotografia contribuíam bastante, como aliás todos progressos materiais para o empobrecimento do gênio artístico francês, já tão raro”. (BAUDELAIRE, 1996, p.12).

A fotografia, produto da técnica, surge na época e é aclamada como o maior dos fenômenos artísticos, contribuindo para disseminar a idéia de arte como reprodução exata do real. Essa concepção de Belo, como cópia da realidade, é contrária a todos os princípios do autor.

Baudelaire afirma que a imaginação é a faculdade principal do artista². Assim, o real, sem o filtro do espírito – pelo uso da imaginação – nada mais é do que um dicionário, sem forma e repleto de sinais, que deve ser ainda, trabalhado pelo artista. Mas, o que tudo isso tem a ver com o declínio do espírito?

² O poeta trata dessa teoria, principalmente, nos textos “A rainha das Faculdades” e “O poder da Imaginação” presente em A Modernidade de Baudelaire.

Para Baudelaire, a invasão da ‘indústria fotográfica’ no campo das Artes, e a mudança de sensibilidade que ela acarreta, contribui para o avanço do domínio da matéria, e consequentemente para a atrofia do espírito. Nesse mesmo ensaio sobre Arte e fotografia o poeta comenta que a poesia e o progresso são dois ambiciosos que se detestam com um ódio instintivo e, quando se cruzam no mesmo caminho, é preciso que um se submeta ao outro. (BAUDELAIRE, 1996).

Assim, a poesia de Baudelaire pode ser lida como uma tentativa de ataque do espírito ao progresso puramente material que vivia a França do século XIX; e nada melhor do que o poema em questão para ilustrar o embate este embate. Portanto, segundo Baudelaire (1996), o culto a Satã – ou o Progresso – representa a degradação e animalização do ser humano. As estrofes 8 e 9 do poema em análise ilustram muito bem como o poeta está consciente da presença dessas duas características ao seu redor:

Mas entre os chacais, as panteras, os pedigreeiros,
Macacos, escorpiões, abutres, serpentes,
Os monstros chiantes, uivantes, rosnantes, rastejantes
Do viveiro infame de nossos vícios,
Há um mais feio, mais malévolo, mais imundo!
Embora não se expanda com grandes gestos e Grandes gritos
E com um bocejo engoliria o mundo.
(Charles Baudelaire, Flores do Mal)

Animalidade e decadência se combinam nesses versos e apontam para a possibilidade de um FIM. A morte – ou no tempo final – é representada no poema pela imagem de um monstro discreto, mas, muito mau e perigoso, capaz de engolir o mundo com apenas um bocejo.

Esse monstro é o TÉDIO. O poeta vê o Tédio se expandindo ameaçador, mas só ele o vê. Seus contemporâneos não conseguem vê-lo ou parecerem fingir que não.

Baudelaire quer mostrá-lo por isso chama a atenção de seus leitores no final do poema:
Tu o conheces, leitor, este monstro delicado
Leitor hipócrita, - meu semelhante, - meu irmão.
(Charles Baudelaire, in Flores do Mal)

Portanto, o Tédio também é uma construção do século XIX, na qual para entender o Tédio do homem moderno precisarei de outras leituras. Afinal como bem disse Marshall

Berman, Baudelaire: “fez mais do que ninguém, no século XIX, para dotar seus contemporâneos de uma consciência de si mesmo enquanto modernos”. (BERMAN, 1986, p.129).

3. KARL MARX E O MANIFESTO COMUNISTA

Karl Heinrich Marx nasceu no dia 5 de maio de 1818, em Tréveris, na Alemanha e morreu em 14 de março de 1883, em Londres, na Inglaterra. É conhecido por ser o fundador da doutrina comunista moderna e foi também um intelectual e revolucionário.

Marx foi um estudioso que ingressou na Universidade de Bonn para estudar direito em 1835. Por influência de seu pai, acabou transferindo-se para a Universidade de Berlim, alguns anos mais tarde, onde teve contato com a obra do professor e filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Interessado, o jovem voltou-se para a área da filosofia, onde mais tarde concluiu um doutorado. (MARX; ENGELS, 1987, p.01).

O Manifesto Comunista, escrito na fase da vida juvenil de Marx que diante da Primavera dos Povos no século XIX. Perpassa os séculos, é uma obra constituída pelas múltiplas aglutinações de idéias e ideais. Tendo como objetivo a convocação dos proletariados para a luta frente à burguesia.

A obra é dividida em três partes, que são: introdução, três rápidos capítulos e conclusão. Mas é em suas entrelinhas que encontramos as maiores riquezas na discussão política e no desenvolvimento do senso crítico perante a modernidade do século XIX.

Na introdução Marx e Engels discutem o incomodo que o movimento comunista causava nas bases das classes dominantes e seus dirigentes. Eles destacam a organização da burguesia para silenciar e disseminar o movimento proletário. Fazendo surgir na classe pobre e trabalhadora o senso crítico como atores políticos no mundo em que vivem.

Nesse contexto, os autores vêem o comunismo como uma estratégia política de luta entre as classes. Marx deixa claro que a sociedade se divide de maneira histórica e econômica em duas classes: a Burguesia e o Proletariado. Ele define Burguesia: “(...) por burguesia compreende-se a classe dos capitalistas modernos proprietários dos meios de produção social, que empregam o trabalho assalariado”. (MARX; ENGELS, 1987, p.01).

No primeiro capítulo, Marx e Engels observam a luta ideológica entre as duas classes através da historicidade. Eles descrevem as adaptações e consequências diante dos avanços tecnológicos e das relações econômicas. Nesse capítulo pode-se prever o tamanho do grandioso *iceberg* que o capitalismo se tornaria, com forças nunca pensadas e imaginadas antes. A busca por fundamentar a exploração capitalista na história podemos perceber nos escritos do primeiro capítulo: “Nas épocas remotas da história, encontramos por quase toda a parte uma estruturação completada sociedade em diferentes estamentos, uma gradação multifacetada das posições sociais”. (MARX; ENGELS, 1987, p.52).

No segundo capítulo é trabalhado o papel político social dos comunistas e dos proletariados. Os autores colocam sugestões, que poderiam ser tornar real com as práticas dos proletariados. Ainda nesse capítulo é problematizada a exploração que o capitalismo obtém com a utilização da mão de obra barata. Sobre o trabalho (salário) diz o Manifesto: “O preço médio do trabalho assalariado é o mínimo do salário de trabalho, isto é, a soma dos meios de subsistência que são necessários para manter a vida do operário enquanto operário.” (MARX; ENGELS, 1987, p.73).

Já no terceiro capítulo, temos a discussão sobre os três tipos de socialismos que se originaram com o passar do tempo. São eles: o reacionário, o conservador-burguês e crítico-utópico. Na pequena conclusão o chamamento é reforçado, com a expressão "proletários de todos os países, uni-vos" ((MARX; ENGELS, 1987, p.100), ressalta a importância e necessidade da união do proletariado para vencer as formas de exploração do capitalismo, perverso em suas raízes.

Marx e Baudelaire tinham um entendimento muito próximo da configuração social do século XIX. Marx enquanto teórico da sociedade e Baudelaire enquanto artista em conflito, sofrendo as consequências dos processos descritos por Marx. Ele, certamente, acreditava numa revolução das classes populares contra os opressores, por meio de uma análise científica da estrutura da sociedade capitalista. A práxis política visualizada em seus escritos formula uma imagem nítida da realidade social do século XIX.

Para ele, a sociedade era regida por condições históricas concretas da existência humana em um dado período, como confirma Marilena Chauí no livro *Convite a Filosofia*: “A marca da experiência social é oferecer-se como uma explicação da aparência das coisas como se esta fosse a essência das próprias coisas”. (CHAUI, 2002, p.416).

Partindo desse pressuposto, Marx cria o conceito de Ideologia, ou seja, um conjunto de idéias e imagens tidas como naturais, mas que na verdade foram elaboradas e propagadas pelas classes dominantes com o intuito de fazer com que as classes oprimidas aceitem sua condição de exploradas como sendo natural. (MARX; ENGELS, 1987, p.55).

Marx expõe uma característica muito importante da nova sociedade moderna. Essa característica é trabalhada por Baudelaire quando trata do fazer artístico como repulsa de tudo o que é natural. O poeta francês chega mesmo a afirmar que “tudo quanto é belo e nobre é o resultado da razão e do cálculo” e, ainda, “a virtude (...) é artificial”. (BAUDELAIRE, 1996, p.57).

Marx teoriza sobre aquilo que Baudelaire sente, isto é, esta nova sociedade moderna necessita de novas relações sociais. Relações que levem o indivíduo a superar uma percepção infantil da realidade. Marx escreve em seu livro “O Capital”. “a estrutura do processo vital da sociedade (...) só pode desprender-se do seu véu nebuloso e místico no dia em que for obra de homens livremente associados, submetida a seu controle consciente e planejado”. (MARX, 2002, p.101).

A arte no século XIX é inseparável das circunstâncias econômicas e sociais criadas pela indústria. Algumas formas de afirmação de identidade nos indivíduos emergiram com o surgimento da multidão. O dandismo representa uma forma radical de rejeição a todo tipo de uniformização. É oportuna a forma com que Alain Touraine situa o debate em torno da modernidade, a partir de uma visão crítica. Para tanto ele aponta três momentos históricos onde a concepção clássica de modernidade entra em crise.

O primeiro, o “mundo weberiano” do final do século XIX, reflete a impotência frente à racionalidade, ao instrumentalismo, impotência para agir e manter-se, frente a inimigos internos ou externos. O segundo nível é muito mais crítico, transformando uma visão otimista, iluminista, numa visão negativa e repressiva da modernidade. (TOURAINÉ, 1995).

Ao mesmo tempo, a partir da metade do século XIX, a idéia de modernidade foi cada vez mais recoberta pela idéia de modernização, pela mobilização de recursos não econômicos e não modernos visando assegurar um desenvolvimento que não pode ser espontâneo, endógeno. Esses dois movimentos se conjugaram para apagar a primeira imagem da modernidade cuja força total vinha do seu papel libertador. À medida que os antigos regimes se decompõem ou são derrubados, os movimentos de libertação se esgotam e a sociedade moderna se reencontra prisioneira de seu próprio poder de um lado, e de outro, das condições históricas e culturais de

sua realização. Tendo chegado ao fim do século XX, a modernidade desapareceu, esmagada por seus próprios agentes, e se reduziu a um vanguardismo acelerado que se transforma em pós-modernidade desorientada.

É desta crise da protomodernidade que nasce, paralelamente às brincadeiras da pós-modernidade e os horrores do mundo totalitário, a modernidade mais completa na qual nós entramos. (TOURAINÉ, 1995). Karl Marx e Charles Baudelaire contribuíram de maneira decisiva para a compreensão da sociedade moderna do século XIX. Seus escritos são, até hoje, fontes de referência para todos aqueles que procuram um melhor entendimento da condição humana nesses tempos modernos.

4. Algumas Considerações Finais

A partir do que foi explanado sobre esses olhares diferentes do século XIX é importante ressaltar que Charles Baudelaire se preocupa com o espírito humano que estava sendo surrupiado pelo progresso material no século XIX. Karl Marx também se preocupa com o “espírito” do homem que se encontra preso pela dialética da história e clama diante do progresso do século XIX a libertação do homem para uma sociedade Comunista como proposto no Manifesto Comunista.

Importante ressaltar que enquanto Baudelaire procura o passado como maneira manter o homem no seu desenvolvimento espiritual, para Marx esse passado também é alienado e opressivo, já que a liberdade se instalaria com o fim da luta de classes e que se instalou na história e fez dessa luta seu motor histórico. Ambos não aceitam a modernidade burguesa pois para Baudelaire o homem perderia sua áurea e para Marx o homem estaria preso a máquina.

Uma outra leitura que podemos fazer do texto refere-se ao Tempo, para Baudelaire o ócio é artístico e, portanto, o Poeta vive do ócio para a execução da veia artística, é um tempo não cronometrado é o Tempo da Aristocracia. O tempo de Marx é o tempo alienado ao capital que está vinculado ao tempo capitalista da produção de mais-valia.

Foi rico entrar em contato com a análise de duas literaturas sobre o século XIX e perceber que o progresso para Baudelaire e a prisão capitalista de Marx não são opções para o futuro do

Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR XVII
MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)
27 de novembro de 2024

humano, porém, argumentadas sob perspectivas intelectuais que não se contradizem mas que se complementam para entender o presente do homem contemporâneo e prescrever seu futuro.

BIBLIOGRAFIA:

BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos Poemas em Prosas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BAUDELAIRE, Charles. **Meu Coração Desnudado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III - Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

BERMAN, Marshall, **Tudo que é Solido desmancha no Ar**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 12 ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

COELHO, Teixeira. **A modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FERNANDES, Florestan. **Marx e Engels**. São Paulo: Ática, 1989.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARX, Karl. **O Capital**. 19 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TOURAINE, Alain. **Crítica da Modernidade**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.